

MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira

Março de 2009

Artes Plásticas
Cinema
Filosofia
História
Literatura
Poesia

1

O jantar que reuniu três poetas em Pouso Alto há 83 anos: Drummond, Bandeira e Ribeiro Couto

Gutemberg da Mota e Silva
Juiz de Direito em Belo Horizonte

Era uma casinha pequena, cor de rosa, alegre e cercada de sol, sem coqueiro do lado e em frente a um barranco soturno, em Pouso Alto, Sul de Minas Gerais. O marido acabara de falar ao telefone, com dificuldade, dados os silvos e rugidos comuns naquele longínquo início do ano de 1926. Deve ter perguntado à mulher – Ana Pereira Ribeiro Couto, em solteira Ana Jacinta Pereira, a quem chamava de Menina – e ao hóspede ilustre, o poeta Manuel Bandeira: “Adivinhem quem vem para jantar?”, e contado que viria o poeta Carlos Drummond de Andrade.

A memória desse jantar envelhece como o vinho tinto servido aos dois ilustres hóspedes, que inscreveram seus nomes na história da poesia brasileira com tal intensidade que hoje dispensam apresentação. Se o anfitrião do surpreendente encontro, ocorrido há 83 anos, num dia entre 26 e 31 de janeiro de 1926, já era, à época, figura de destaque no meio literário, hoje é preciso apresentá-lo aos menos ligados à literatura brasileira das primeiras décadas do século passado.

Trata-se de Ribeiro Couto, Ruy Esteves Ribeiro de Almeida Couto, paulista de Santos, onde nasceu em 12-3-1898, “junto do porto, ouvindo o barulho dos embarques”, e, órfão de pai aos três anos de idade, ali cresceu, vendo a “azáfama dos embarques, o apito triste dos cargueiros que partiam”. Foi jornalista, delegado de polícia, advogado, Promotor de Justiça em São Bento do Sapucaí, Santa Branca (São Paulo) e Pouso Alto, poeta (cultor da poesia melancólica, penumbriista), contista, romancista, membro da Academia Brasileira de Letras, diplomata, embaixador do Brasil na Iugoslávia, autor de vários livros de poesia, contos e do romance *Cabocla*, tema de novela de televisão.

Ribeiro Couto conheceu Bandeira no Rio de Janeiro, em 1919, quando o poeta pernambucano, tendo perdido quase toda a família, passou a contar somente com a poesia e os amigos. No mesmo ano, mudou-se para a Rua do Curvelo, 43, no Morro do Curvelo, em Santa Teresa, penção de Dona Sara, e em 1920 recebe Bandeira, que se mudara para a Rua do Curvelo, 53, depois 51, dividindo os poetas “as famosas bacalhoadas da pensão de Dona Sara”, como se lê no livro *Três retratos de Manuel Bandeira*, introdução, cronologia e notas de Elvia Bezerra.

Couto foi um dos primeiros, melhores e mais constantes amigos de Bandeira, revela Stefan Baciu em *Manuel Bandeira de corpo inteiro*, fortalecendo-se a amizade com a convivência na

Rua do Curvelo, ali morando também, à mesma época, a psicanalista Nise da Silveira, destaca Elvia Bezerra em *A trinca do Curvelo* (trinca nada tinha a ver com três, era gíria significando *turma* ou *patota*).

Ribeiro Couto pôs Bandeira em contato com todos os poetas que ele conhecera pessoalmente em São Paulo e no Rio, sendo por ele chamado depois, em *Andorinha, andorinha*, de “poeta da indecisão delicada”. Afetado, como Bandeira, pela tuberculose, Ribeiro Couto foi para São Bento do Sapucaí, vizinha a Campos de Jordão, ali conhecendo Ana Jacinta, casando-se em 26-3-1925, em São Bento, indo depois para Pouso Alto, atuando a partir de junho de 1926 como Promotor de Justiça, cargo ocupado em 1925 pelo amigo Alberto Deodato.

Bandeira, poeta pobre, naquele verão de 1926 também aproveitava o clima das montanhas para combater a tuberculose. Em 6-1-1926, do Rio, escreveu a Mário de Andrade: “Mário que tristeza ser tuberculoso. Depois de amanhã parto para Pouso Alto casa do Ribeiro Couto. Me escreve pra lá. Um abraço bem grandão do Manu” (*Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*).

Cinco dias depois, em 11-1-1926, Bandeira dá ao futuro autor de *Macunaima* as primeiras notícias da sua estada: “Fiz uma viagem cansativa mas cheguei bem a Pouso Alto que é uma delícia de ar. Couto forte satisfeito, calmo, numa casinha alegre e cercada de sol, com uma mulherzinha encantadora que você já deve saber se chama Ana Pereira (Ana Jacinta Pereira) e tem apelido de ‘Menina’. Fiquei contentíssimo com o quadro Pouso Alto visto de fora pra dentro é tão alegrinho e bonitinho. Lá no dentro, no largo em frente da Matriz senti aquela tristeza pesada dos meus começos de tísica no interior – Campanha, etc”.

Em 23-1-1926, novamente escreve a Mário de Andrade: “Eu e o Couto temos cavaqueado que é um despotismo. Conversa atrasada de não sei quantos meses. Couto está esplêndido, satisfeito e bem humorado, casado e caseiro como a dona de sua quadrinha, mas olhando muito pra mulher, que é uma delícia de boazinha. A mocidade inquieta sossegou. (...) O Carlos Drummond acaba de telefonar de Passa Quatro que é pertinho daqui. O Couto contou que eu estou aqui e instou com ele para vir ver-nos. Ele vem jantar e dormir”.

Em 7-2-1926, em nova carta, notícia: “O Drummond jantou aqui conosco. Feinho pra burro. Implicantinho. A gente não faz

fê. Couto deu uma esfrega de verve nele. Afinal já no trole a caminho da estação ele ri. Uma semana depois ele escreveu de Belo Horizonte se rindo muito e mandando quatro poemets, três dos quais deliciosos, perfeitos, definitivos: 'Ouro Preto', 'Cantiga do Viúvo' e 'Infância'. Ele é feinho mas é de fato.

E Drummond, o que levou a Pouso Alto o poeta que não gostava de viajar? Em entrevista a Lya Cavalcanti, reproduzida no seu livro *Tempo Vida Poesia – Confissões no rádio*, Drummond conta que, indo a Passa Quatro, se lembrou de visitar Ribeiro Couto. "Preveni-o pelo telefone, que parecia interplanetário, tais os silvos e rugidos que circulavam pelo fio. Tomei o trenzinho da Rede Mineira de Viação. Lá chegando, tive um alubrimento de moço: ia conhecer não um, mas dois poetas amigos, pois estava hospedado em casa do Couto o Manuel Bandeira, indivíduo quase mitológico para nós, apesar de manifestar-se aos rapazinhos de Belo Horizonte. Passamos uma tarde juntos, em redor de uma galinha ensopada e um vinho tinto, que os dois poetas haviam testado e achado bom. De tudo resultou um poema do Couto, que não é dos mais abonadores quanto à minha sociabilidade e ao meu senso vinícola".

"A visita de Carlos Drummond de Andrade", típico poema de circunstância, contém pouca poesia (o poema é tentativa desesperada de captar a poesia), mas documenta bem o memorável jantar: "*Carlos Drummond de Andrade veio jantar em Pouso Alto/ na minha casa pequena e cor de rosa/ sem coqueiro do lado/mas em frente a um barranco soturno/Encontrou Manuel Bandeira, sobremesa imprevista/Carlos Drummond não sorriu*

nenhuma vez./Deixou no copo três dedos de vinho/ que Manuel Bandeira namorou/ Mas no trolley pelo caminho da volta/ ao ritmo do cavalo chapinhando no barro vermelho/diante da tarde azul maravilhosa/Carlos Drummond sorriu pela primeira vez/não por causa da tarde azul maravilhosa/mas porque, para vingar-se dele nunca sorriu/agradecido à vida/Deus mandou o cavalo atirar uma placa de barro molhado na sua gravata nova/E Carlos Drummond sorriu prá malícia de Deus".

Por que não sorria? "Houve um pouco de exagero de Ribeiro Couto, mas veja bem que a ocasião não deixava de intimidar, por mais que eles me pusessem à vontade. Eu era um poeta municipal, diante de dois federais..." [No poema "Política Literária", Drummond ironiza: *O poeta municipal/discute com o poeta estadual/qual deles é capaz de bater o poeta federal/ Enquanto isso o poeta federal/tira ouro do nariz*].

Já em Belo Horizonte, Drummond escreve a Mário de Andrade em 31-1-1926, dizendo: "Tendo ido a Passa-Quatro, buscar minha mãe, dei um pulo até Pouso Alto (é pertinho, uma hora), para abraçar o Ribeiro Couto e o Manuel". E acrescentou: "Um atraso de trem na volta me deixou jantar com eles. Que jantarzinho agradável foi esse, e que pena você não estar presente! Falamos um pouco de tudo e não chegamos a acordo sobre nada. Gostei muito deles dois, se bem que achasse o Ribeiro Couto mais expansivo que o Manuel. Este último é assim mesmo? Porém mesmo assim gostei muito dele. São dois camaradões, não há dúvida" (*Carlos & Mário – Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*).

De seu lado, também em 31-1-1926, em carta a Martins de Almeida, diretor de *A Revista*, órgão modernista mineiro, Ribeiro Couto começa por dizer que Drummond apareceu para "comer galinha ensopada", quando Manuel Bandeira estava em sua casa. Adiante, comenta: "Eu gosto de rir, de comer, de ler, de falar, de amar, de ter amigo, de admirar, de querer bem a gatinhos e cachorrinhos e outros inocentes animais, de cantar, de dançar, de tocar vitrola, de ir no café beber chope, de olhar para ela, de ver a perna dela, de no bonde voltar a cabeça para ela (...) Ora, o Drummond decerto viu isso, mas não gostou. Ele é o tipo de poeta estupendo que morre e a gente escreve artigos e livros contando as irritações que lhe causavam os tipos prosaicos, os burgueses, os críticos literários, nós enfim. O Drummond preci-

Cidade redescobriu o poeta

Um dos 'pousos' criados pela bandeira de Fernão Dias em sua penetração pelo sul de Minas Gerais, a bucólica Pouso Alto, com 8 mil habitantes, praticamente ignorou seu morador ilustre durante décadas. A redescoberta de Ribeiro Couto pela população da cidade veio com a adaptação de "Cabocla" para a televisão, quando vários dos personagens foram identificados como inspirados em antigos moradores, contemporâneos de Couto.

A segunda – e mais significativa – redescoberta de Ribeiro Couto aconteceu em 2008, quando a população foi surpreendida por uma cláusula do testamento de Anna Pereira Ribeiro Couto, viúva do escritor, que destinou R\$ 1.650.000,00 "à população pobre" da cidade. A doação beneficiou o Centro de Atendimento ao Adolescente (Ceaapa), com R\$ 600 mil; a Irmandade São Vicente de Paulo, com R\$ 600 mil; e a Santa Casa de Misericórdia, com R\$ 450 mil.

A casa em que Ribeiro Couto recebeu Drummond e Bandeira para jantar fica no número 56 da Avenida Haroldo Russano (à época, chamava-se Av. 10 de Novembro) e pertence a Amália Nogueira, que recebe com frequência a visita de interessados em conhecer a antiga residência do escritor.

(Manoel Marcos Guimarães)



Vista panorâmica da bucólica Pouso Alto em 1940, quando ainda era importante sede de comarca

